

OS DESPAUTÉRIOS GRAMÁTICAIS NO LIVRO “EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA” DE MONTEIRO LOBATO

NASCIMENTO, Juliana Moraes do

E-mail: juli__sorriso@hotmail.com

DIAS, Lady Amanda Santos

E-mail: laddy_2808@hotmail.com

ARAÚJO, Maria José de Azevedo (Orientadora)

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

Azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

A pesquisa qualitativa e bibliográfica objetivou caracterizar a proposta de linguagem da boneca Emília, no livro “Emília no País da Gramática”. O livro foi escrito em 1934 e é uma das obras-primas mais cativantes de Monteiro Lobato. É sem dúvida a gramática falada através de belezuras e sutilezas que facilitam a compreensão da língua, da escrita e faz com que a criança não só aprenda as regras gramaticais, como também, exercite a capacidade imagética através do passeio guiado pelo rinoceronte Quindim, que leva ao “País da gramática”, Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa e Narizinho. Neste a linguagem é acessível, facilitando a compreensão da história e despertando na criança certa afeição pela língua portuguesa. As reflexões baseiam-se na importância da literatura infantil como conhecimento do mundo e de ser, que, sem a linguagem, não há como pensar, escolher significados e criar sentidos para as palavras e para a realidade. Monteiro Lobato concedeu a Emília o dom de manipular as palavras de uma forma que beira a transgressão da linguagem, não para violentar as estruturas linguísticas, mas para instaurar uma nova e instigante ordem e esta com a sua linguagem, com a sua irreverência, propõe essa reflexão, uma vez que, no livro, a boneca falante se utiliza da linguagem para falar da própria linguagem, para contestar o que está estabelecido, para dar opiniões e, principalmente, para impor as suas idéias acerca da língua. Emília provoca a imaginação das crianças, desperta a curiosidade com suas descobertas e reflexões sobre a gramática. Assim, a personagem instiga a ação do leitor de dar sentido ao que está escrito. Após conhecer a visita da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo ao País da Gramática, a gramática nunca mais será a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato, literatura, gramática, linguagem e transgressão da linguagem.

ABSTRACT: This research has in order to character the proposal of language of the Emilia's doll in the book called "Emilia no país da gramática" of Monteiro Lobato. The reflections base about of the importance of the childish literature as knowledge of the world and of being and without language, there isn't how to think, choose meanings and create the senses for the words and for the reality. Lobato granted Emilia the gift to manipulate the words of a form which close the transgression of language, not to violent the linguistics structures, but to set the new and stimulate order and this with its language, with its irreverence, it suggests this reflection, since in the book, the talking doll utilizes of the language to speak of own language, to answer what is established, to give opinions and, mainly, to impose the ideas about the language.

KEYS-WORD: Lobato, Emília, childish literature, Grammar, language and transgression of language

INTRODUÇÃO

José Bento Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882. Foi o principal escritor brasileiro de literatura infanto-juvenil. Nela logrou êxito marcando profundamente a gênese e os rumos da literatura infantil brasileira, contribuindo com suas inovações e críticas para o aperfeiçoamento deste gênero literário, criando uma obra diversificada tanto de ordem temática quanto discursiva, ou seja, uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. Segundo Coelho,

A literatura não é letra morta dentro dos livros, ela é viva porque está em constante contato com processos criativos da linguagem. As palavras são instrumentos da linguagem que servem para representar algo existente na realidade concreta ou no imaginário. As palavras possuem, portanto, um referente. Ter um referente implica dizer que elas têm pelo menos um significado estável, que é o referente de quem usou a palavra¹.

Baseando-se na citação acima, este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da irreverente linguagem da boneca Emília no livro "Emília no País da Gramática", que beira a transgressão provocando através dos seus experimentos lingüísticos a imaginação do leitor infantil, e, por que não, do adulto também, fazendo com que estes despertem a curiosidade para explorar cada vez mais as potencialidades do uso da língua.

¹ Coelho (1994, p.37).

É próprio da literatura de Lobato usar seus personagens para criticar costumes e comportamentos, bem como regras pré-estabelecidas. Ao se dedicar a literatura infantil cria à surpreendente e encantadora Emília, colocando nessa personagem verossímil tudo o que vivenciou enquanto homem e tudo o que gostaria de viver, pois a boneca falante assume uma postura de gente vivida e madura, e essa postura se torna cheia de graça por ser representada por uma boneca que parece criança. Emília, a seu modo, tenta explicar quase tudo e sempre consegue ser convincente, completa o que falta em muitos de nós, e esse complemento só é possível a essa personagem porque ela fala e é extremamente corajosa. Emília é uma boneca que se comporta como gente, gente que vive plenamente.

Monteiro Lobato dizia que queria fazer livros em que as crianças morassem. Além de temperar suas histórias com a cultura brasileira, o escritor teve a ousadia de deixar de lado a linguagem literária rebuscada da época e escreveu como as pessoas falavam. Preocupado com a educação brasileira, ele pôs Geografia, Ciências e muito mais nas narrativas, dando um jeito ainda de falar também das questões políticas que defendia. A forma do texto era didática, porém quando Lobato percebeu a importância do mundo que estava criando, passou a misturar fantasia e realidade.

No dia-a-dia, as crianças tomam contato com múltiplas linguagens e sabendo – se que esta possui uma característica inventiva da linguagem que significa dizer que ela não copia ou imita as estruturas lingüísticas que ouve ou lê, mas inventa de acordo com a sua capacidade de imaginação e que a linguagem, qualquer que seja, é a principal mediação entre o mundo e a consciência do mundo, sem ela não há como pensar, escolher significados e criar sentidos para as palavras e para a realidade. Emília, com a sua linguagem, com a sua irreverência, propõe essa reflexão, uma vez que no livro a boneca se utiliza da linguagem para falar da própria linguagem, para contestar o que está estabelecido, para dar opiniões e, principalmente, para impor as suas idéias acerca da língua.

Monteiro Lobato, ao criar Emília, a boneca que nasceu de uma mistura de macela, pano de saia velha, botão e retrós, conferiu-lhe liberdade total de expressão, ou seja, ela se tornou livre, independente e passou a falar tudo o que pensava, permitindo que a boneca criasse suas próprias regras com relação à linguagem, que do seu ponto de vista (da boneca Emília) deve ser prática e funcional. Ao falar tudo o que pensa a boneca provou e comprovou que é por meio da linguagem que se consegue independência, respeito, credibilidade e, na maioria das vezes, afeto.

Ao dar o dom da fala a Emília por meio das pílulas falantes do Dr. Caramujo, Lobato atribuiu-lhe a característica inventiva da linguagem. A boneca então passou a falar apenas o que queria, possuindo o dom de manipular as palavras, e o faz de uma forma que beira à transgressão da linguagem e, embora não viole as estruturas lingüísticas, transita com desenvoltura e naturalidade entre o estabelecido e o diferente, instaurando nova e instigante ordem.

Emília vive, sim, e vive livremente, adquiriu sua liberdade por meio da fala, falou coisas fantásticas e chocou ao mesmo tempo. Entretanto, ela possui um senso crítico bastante aguçado, afinal essa personagem faz inúmeras reflexões. Emília mostra-se completa, pois, ela vive, é livre, é preconceituosa, é crítica e possui sonhos, sonhos grandiosos, os quais pode - se chamar: “Pretensões de uma boneca que parecia ser gente”.

1 LINGUAGEM E LITERATURA

1.1 A linguagem como principal instrumento de mediação entre o mundo e a consciência do mundo.

A linguagem é um instrumento utilizado para a comunicação e, segundo Silva consiste num conjunto de símbolos que são combinados de forma sistêmica e orientados para armazenar e trocar informações.

A mesma autora afirma que “o desenvolvimento desta complexa função, ocorre espontaneamente e por etapas, existindo diferenças nas velocidades e estilos de aquisição, bem como as diferentes culturas e línguas”. Assim, o desenvolvimento da linguagem se dá a partir do nascimento, quando o recém nascido vai desenvolvendo a capacidade de discriminar seqüências de sons, de diferenciar a voz da mãe de outras vozes. A partir do primeiro ano de vida, a criança passa a dizer sílabas simples ou repetidas e, mais tarde, palavras com significados. Daí progride para duas ou mais palavras, passando então a formar frases. Nessa fase, há um alargamento do vocabulário, bem como um aperfeiçoamento da articulação das palavras e da estrutura gramatical das frases. É importante ressaltar que o desenvolvimento da

linguagem só se efetuará com sucesso se a criança tiver um nível cognitivo adequado, ou seja, a audição e as estruturas envolvidas na fala normais.

Desde que nascemos estamos envolvidos no mundo da linguagem e que crescemos nos comunicando não só pela fala, mas também por gestos e por sinais. As palavras, geradas no pensamento, permitem nomear as coisas do mundo. O cérebro armazena idéias e significados para cada palavra aprendida, que podem ser expressos verbalmente pela fala. Assim de palavra por palavra, vai - se criando estruturas de entendimento para comunicarmos.

O homem se percebe diferente dos outros animais quando se dá conta da necessidade do uso da linguagem, pois é na linguagem e pela linguagem que o homem vai se constituir como sujeito. É desta forma que a linguagem, ao viabilizar a relação das pessoas, vai permitir o retorno sobre si como individualidade distinta possibilitando então, a comunicação inter-humana. O homem se impôs aos outros seres porque nomeou todas as coisas, atribuindo-lhes sentido e designando-lhes funções. Assim, a partir do momento em que falamos estamos estabelecendo uma relação com o mundo. Com a faculdade da linguagem, nomeamos o que nos cerca e nos tornamos, desse modo, donos do real e do imaginário. É por intermédio da linguagem que o homem dá forma a ele mesmo, ao outro e ao mundo que o circunda. Desse modo, o fato de vivermos em um meio social, em constante interação com os outros integrantes do nosso grupo, torna-se elemento determinante em todo o processo de desenvolvimento da linguagem.

A linguagem é considerada uma instituição social, um instrumento de mediação entre os homens, pois é por meio da linguagem que os conceitos são elaborados e a representação do real é organizada, ou seja, é por meio do potencial simbólico da linguagem que o homem representa a sua visão de mundo, a sua visão de realidade.

Identificar a linguagem como instrumento de mediação implica compreender a capacidade de simbolização humana, ou seja, pelo uso de signos, os homens, segundo Oliveira

(1993, p. 35), são “capazes de operar mentalmente sobre o mundo, isto é, fazer relações, planejar, comparar, lembrar etc.”. Entender a linguagem como instrumento de mediação supõe compreender a capacidade de representação humana, que se dá, especialmente, pelo uso do signo.

É a partir de nossa capacidade de desenvolver a linguagem, de representar imagens e estados mentais, de planejar ações, de atribuir significados a símbolos, que a língua se configura como meio que nos possibilita expressar as emoções, os sentimentos e as idéias. É mediante a linguagem, como conjunto de significados, sistema de símbolos, que a interação entre os homens acontece. E é por meio da linguagem que podemos representar e regular o pensamento e apropriar-mos-nos da cultura. Sem linguagem não há interação social, nem diálogo. Sem linguagem não há como pensar, escolher significados e criar sentidos para as palavras e para a realidade. A linguagem, qualquer que seja, é, portanto, a principal mediação entre o mundo e a consciência do mundo.

2.2 – Literatura: campo de entrelaçamento de várias linguagens.

Literatura vem do latim *littera*, que quer dizer “letra”, e parece estar fortemente determinada pela escrita, ou seja, pela palavra impressa. Segundo Coelho,²

Literatura é arte, é um ato criador que por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformados em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo de ficção.

Coelho acrescenta que a literatura tem, no seu horizonte, a arte de criar linguagens, pois quando falamos em linguagens artísticas, por exemplo, estamos entendendo que podemos interagir com a arte, podemos ter dela uma “leitura”, qualquer que seja a sua expressão

² Coelho, (1993, p.37).

estética. Assim, quando nos apercebemos como intérpretes de uma expressão artística, interagindo com ela e entendendo-a, portanto, como linguagem, estamos também mergulhados no literário.

A literatura, no entanto, se distingue das outras artes em função do material a partir do qual a arte da palavra é feita, isto é, a linguagem. E como a arte, a literatura maneja diversas linguagens, pois cria formas diferentes de expressar idéias, brinca e joga com as palavras, mas também nos mostra sentidos inesperados para elas. Isto significa dizer que na literatura as palavras não têm um significado estável, muito menos um sentido único. Na linguagem da literatura, as palavras vão adquirindo significados reciprocamente, ou seja, em relação às outras palavras no contexto da frase ou ao longo do texto, e esses significados podem ser ambíguos, contraditórios e até absurdos. Assim, na literatura, sempre é possível que haja outros e múltiplos significados para as palavras.

2.3 – A Literatura infantil e seus caminhos: abertura para a formação de uma nova mentalidade.

Numerosos estudiosos têm partido do pressuposto de que só se pode, realmente, falar em literatura infantil a partir do século XVII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Segundo essa linha de pensamento, antes disso e em resumo, não haveria propriamente uma infância no sentido em que se conhece hoje.

Ainda nessa época, com a reorganização da escola, a literatura infantil emerge principalmente por sua associação com a Pedagogia, que utilizava as histórias como instrumento de aprendizagem. Para Tassi:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas também, manteve formas de controle do desenvolvimento intelectual da criança e de suas emoções. Os primeiros textos foram escritos por pedagogos e professores, com intenções de sentido educativo.

Segundo Zilbermann (2001) enfatiza que a história da literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. Tassi ressalta ainda que:

É preciso oferecer às crianças oportunidades de leitura de forma convidativa e prazerosa. E é nesse sentido que a literatura infantil desempenha um importante papel, o de conduzir as crianças não só à aprendizagem, contribuindo para uma sistematizada escrita, (como é o caso das fábulas), mas que permita que se realize a leitura com fruição, isto é, que se sinta prazer ao estar lendo.

Segundo Cunha, a literatura infantil “São os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança”³.

A partir dessa conceituação, pode-se afirmar que a literatura infantil mexe com a imaginação, com o pensamento e ajuda na formação de idéias e é por meio desta que a criança terá condições de ter “conhecimento do mundo e do ser” por intermédio da realidade criada pela fantasia do autor. “A obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto. Difere desta apenas da complexidade de concepção: a obra para criança será simples em recursos, mas não menos valiosa”⁴.

A literatura infantil não se caracteriza como considera alguns críticos literários, como sublitteratura ou inferior às obras voltadas para o público adulto. Ao contrário dessa afirmação ela se caracteriza uma arte literária muito rica. Apresenta uma simplicidade de concepção e conseqüentemente também simplicidade de linguagem, assim como alguns clássicos da literatura também são extremamente simples. Ou seja, escrever para crianças não significa escrever de forma infantil ou simplória, tendo em vista que o atual universo infantil é rico em informações. Escrever para crianças está cada vez mais difícil, pois esse público atualmente

³ Cunha apud Martins et al., 2003, p.01.

⁴ Cunha, 1991, p.70.

está muito bem informado com a Internet, e em virtude disso tem se mostrado bastante exigente.

Para Pinto, “A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo”⁵.

Assim, pode-se dizer que a leitura infantil é muito importante, pois desperta o gosto pela leitura, proporcionando a possibilidade do leitor aprender, ensinar, evoluir, sendo sua grandiosidade compreendida não somente como alfabetização ou como um ler corretamente, mas também avançar no seu desenvolvimento bio-psico-pedagógico, que ocorre por meio da vivência com as circunstâncias retratadas nas histórias, fazendo com que através das mesmas se aprenda a lidar com estas situações, reconhecendo as dificuldades e se conhecendo a si mesmo e ao mundo que o cerca.

Com base nessas afirmações, é impossível distanciar a literatura infantil da aprendizagem escolar, pois ambas caminham em direção à formação da criança.

3.1 – Emília e a linguagem: A relação entre o criador, a criatura e a linguagem.

A boneca Emília era como outra qualquer, que foi feita por tia Nastácia com pano de saia velha, retrós e macela, porém ao longo da obra de Lobato essa boneca sofreu metamorfoses, evoluindo bastante. Sua maior evolução deu-se quando adquiriu a sua fala em 1921, ano do lançamento de “Narizinho Arrebitado”, livro que iniciou a série de aventuras dos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo. Segundo Bignotto:

Emília. O nome desta boneca provavelmente é a primeira “palavra-chave” que a memória puxa do fundo dos arquivos pessoais quando o assunto é Monteiro Lobato. A palavra Emília certamente abrirá algumas gavetas empoeiradas, onde a memória guarda **O sítio do Pica-pau Amarelo** e todos os seus habitantes. De qualquer forma, a boneca, sempre metida onde não é chamada estará sentada no topo de tudo o que estiver arquivado com a etiqueta “Monteiro Lobato”. A força da boneca é tão

⁵ Pinto, 1999, p.11.

grande: se Gustave Flaubert disse ‘Madame Bovary sou eu’, Emília em suas Memórias poderia muito bem ter dito: ‘Monteiro Lobato sou eu.

Segundo Mendes foi com Monteiro Lobato que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Ele insere-se no domínio da literatura infantil conferindo-lhe uma nova perspectiva, tanto de ordem temática quanto discursiva. A criança já não é poupada de conflitos sociais, o ponto de vista da narrativa muitas vezes lhe é transferido e abre-se espaço para a voz questionadora do personagem-criança, metamorfoseado e exacerbado muitas vezes na polêmica figura da boneca Emília.

Sabe-se que Monteiro Lobato fora um homem muito crítico, alguém que sabia e não escondia de ninguém os problemas do Brasil. Muito desse homem crítico e sincero está presente na sua literatura que são repletas de protestos e denúncias que o escritor faz com muita maestria. Pode-se dizer ainda que Lobato foi um nacionalista, porém foi um nacionalista crítico, sem ufanismo e sem patriotada, afinal tinha um olhar crítico e impiedoso sobre a realidade do país. Percebe-se também que a literatura infantil lobatiana, além do caráter crítico, moralista e pedagógico, não abandona a luta pelos interesses nacionais empreendida pelo autor, com seus personagens representativos das várias facetas de nosso povo, sendo o Sítio do Picapau Amarelo, uma imagem do próprio Brasil.

O processo de aquisição da linguagem de Emília se deu através das pílulas falantes do Dr. Caramujo. Emília não disse uma primeira palavra, foi logo dizendo uma frase: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!”. Emília então, não parou mais de falar e falava sempre de modo especial, bem próprio, pensando a respeito de tudo, achando outras explicações que não as convencionais. Foi através da fala que ela se declarou independente, fez filosofias e esbravejou contra muita gente.

Benjamin, ao traçar uma “História Cultural do Brinquedo”, em seu livro *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*⁶ coloca a criança não como indivíduo à parte do mundo, mas como ser que transita pelas práticas culturais de sua comunidade, de seu grupo social, étnico etc. A criança pertence ao universo de sua família e de seus amigos, ela é engendrada por ele, tanto quanto o engendra, “relendo-o” através de seu imaginário. Vários elementos que o compõem ativam o imaginário infantil, mas alguns, em especial, foram sendo criados com o objetivo de, ludicamente, aproximar a criança dos padrões sociais desejáveis para cada época e sociedade: os brinquedos. Carrinhos, casinhas, bonecos, trens, peões, bolas, enfim, o universo liliputiano destinado às crianças vem carregado da ideologia dos pais, das escolas, dos países, das igrejas etc. De acordo com Bignotto:

A boneca é um brinquedo cuja origem se confunde com a própria origem humana. Miniaturas de seres humanos têm sido usadas, há milênios, como objeto de culto, representações de deuses e demônios, anjos e musas. Quando produz o objeto boneca, o homem projeta e modela nele a imagem de ser humano ideal que traz dentro de si, de acordo com os horizontes históricos, sociais, religiosos e estéticos de sua cultura. A boneca representa, portanto, não uma criança, mas o ideal de criança ou de adulto de um determinado grupo social; é a projeção, em forma de roupas e aparência física, dos valores deste grupo.

Na literatura infantil cada elemento da narrativa é uma pequena isca e as personagens são as mais visíveis, aquelas com que o receptor mais rápido e facilmente se identifica ou não, seja pela descrição física ou psicológica, seja pela construção identitária de gênero ou etnia, seja pelos ideais veiculados em suas ações e interações. Monteiro Lobato entra no espaço da ficção para crianças atravessando, revelando e reconstruindo os contrastes culturais que marcaram o Brasil do início dos noventa. Ele cria um ambiente supostamente tradicional, e a boneca (brinquedo) Emília ele usa para desenvolver projetos mais ousados, pois tudo o que possa parecer uma brincadeira ou “asneirice” tem por trás um fio de razão, de elaboração intelectual. O escritor torna sua criação poderosa o bastante para conquistar tudo pela razão e

⁶Benjamin, 1984, p. 67.

imaginação. Segundo Cavalheiro Lobato utiliza a literatura infantil da mesma forma com que utiliza a boneca:

Dentro do Sítio do Picapau Amarelo, porém, ele encontrou espaço não só para um projeto estético ou pedagógico, mas para um projeto político que envolvia inúmeros setores da vida brasileira. Mostrou idéias sobre a literatura, história, economia, política, religião... Idéias que nem sempre estavam de acordo com o que queria o tal projeto educativo brasileiro. Seus livros sofreram campanhas. Não era “recomendável” que a futura elite lesse, nas Memórias da Emília, que “a verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia”, entre outras “inconveniências”⁷.

Bignotto, citada anteriormente, considerando que os brinquedos são um elo entre adultos e crianças ou, ainda, a representação de um diálogo mudo, afirma que:

Ao dar o dom da fala a Emília, Monteiro Lobato estava usando essa espécie de “transmissor de sinais” que é o brinquedo para mandar suas mensagens, sua visão de mundo, para as crianças. Da boca de pano faz sair uma resposta pessoal, singular, para a “ordem mundial” e brasileira de seu tempo. Sua verdade pessoal personificou-se em Emília, e por meio desse outro diálogo mudo que é a literatura, tornou-se uma verdade compartilhada por milhões de leitores.

A boneca é sonho, é loucura e é ação, só ela consegue viabilizar muitas das fantásticas aventuras ora usando o faz de conta, ora se valendo do super pó e da sua imaginação. Emília é curiosa, possessiva, inquieta, desobediente, travessa, desconhece seus limites, é ousada, não reconhece as diferenças culturais impostas pelo mundo externo entre “coisas de menina” e “coisas de menino”, nem entre “coisas de adulto” e “coisas de crianças”, atravessa as normas, criando suas próprias regras, com ela, o leitor infantil aprende a não ter medo de fazer perguntas, aprende a aventurar-se, a romper os limites impostos pelos adultos entre a fantasia e a realidade.

Para certificar o que foi exposto acima, segue o narrador lobateano contando uma travessura intelectual da boneca na abertura da narrativa *D. Quixote das crianças*:

Emília estava na sala de Dona Benta, mexendo nos livros. Seu gosto era descobrir novidades – livros de figura. Mas como fosse

⁷ Cavalheiro, 1956, p.181.

muito pequenina, só alcançava os da prateleira debaixo. Para alcançar os da segunda, tinha de trepar numa cadeira. E os da terceira e quarta, esses ela via com os olhos e lambia com a testa. Por isso mesmo eram os que mais a interessavam. Sobretudo uns enormes.

A curiosidade de Emília é incontrolável, pois qualquer proibição só fazia aguçá-la ainda mais. Emília era uma boneca, não precisava enquadrar-se nas relações familiares comuns. Daí, ela poder dar livre curso à curiosidade indomável que a caracteriza. Assim, seria impossível “segurar” a boneca. Isso de “ver com os olhos e lambear com a testa” era para as crianças. Por ser brinquedo – e, portanto, confronto –, Emília já carrega a marca da reinvenção da infância – ela é uma ficcionalização ficcionalizada da meninice que Lobato queria típica da primeira metade do século passado. Dessa forma, são os livros inacessíveis que constituem seu grande objeto de desejo. Talvez sua inacessibilidade é que seja o objeto de desejo. Até porque dominar o não-dominável é uma espécie de rito de passagem.

Emília é o personagem que representa todo o lado irreverente, insubmisso e mágico de Monteiro Lobato que vem na verdade pra rotular de covardes certas idéias e atitudes humanas e propõe que essas idéias sejam substituídas por outras mais revolucionárias. Ela questiona tanto a cultura “popular”, quanto à “erudita”. É a personagem que mais revela as próprias contradições do autor. Como brinquedo, Emília joga com os padrões de comportamento, com as práticas culturais desde o início do novecentos brasileiro.

Segundo Arapiraca, a forma como Lobato utiliza os recursos didáticos da língua é vista como um caminho que conduz o leitor a buscar um sentido no texto que não fuja ao projeto inicial do escritor: um projeto inovador que pretende instrumentalizar os leitores para uma maior compreensão e significação de palavras, imagens e acontecimentos.

Emília é esse fio condutor que liga o texto de Lobato aos leitores, pois faz uso de situações concretas como à viagem ao **País da Gramática**, para usar a linguagem em sua função referencial, ou como afirma no texto de Arapiraca, o uso da função referencial “pode ser entendido como intenção do autor de informar o leitor acerca de conhecimentos

específicos”, nesse caso sobre o uso da gramática. Arapiraca ainda acrescenta que “o texto de Lobato também utiliza a linguagem para falar da própria linguagem através de definições e explicações que elucidam passagens difíceis”.

— Som oral quer dizer som produzido pela boca. A, E, I, O, U são Sons orais como dizem os senhores gramáticos.
 — Pois diga logo que são letras! gritou Emília.
 — Mas não são letras! protestou o rinoceronte. — Quando você diz A ou O você está *produzindo* um som, não está *escrevendo* uma letra. Letras são sinaizinhos que os homens usam para representar esses sons. Primeiro há os Sons Oraais, depois é que aparecem as letras, para marcar esses sons orais. Entendeu?⁸

“Linguagem é comunicação. Personalidade é comunicação”⁹, afirma Coelho. A boneca Emília comunica-se como ninguém e faz sobressair sua personalidade na força da palavra, na força das descobertas que faz através da linguagem.

3.2 – Gramática – Uma invenção humana mais velha que a religião cristã: Conceitos e (Pré)conceitos.

De acordo com Marcos Bagno, nas séries iniciais, aprende – se que “gramática é o conjunto de regras para relacionar os signos entre si. As regras de combinação são necessárias porque, se o homem possui um repertório de signos, teoricamente poderia combiná-los de infinitos modos¹⁰.” Assim, se cada pessoa combinasse seus signos a seu modo, seria muito difícil comunicar-se com os outros.

Marcos Bagno, afirma ainda que, “graças à gramática, o significado não depende só dos signos, mas também da estrutura de sua apresentação. Desse modo, de posse de repertório de signos e de regras para combiná-los, o homem criou a linguagem¹¹.” Posteriormente, os

⁸ LOBATO, 2005, p. 8..

⁹ 1994, p. 30.

¹⁰ 2000, p. 34.

¹¹ 2000, p. 35.

homens aprenderam a distinguir modos diversos de usar a linguagem, traduzindo, assim, as diferentes intenções dos interlocutores.

Compreendeu-se que, na linguagem, algumas palavras tinham a função de indicar ação, outras de nomear coisas, outras de descrever qualidades ou estados de coisas. Todavia, quando criaram a linguagem, os homens primitivos não imaginavam que essas funções, algum dia, receberiam os nomes de verbo, substantivo, adjetivo, advérbio, etc., e principalmente não imaginavam que essas funções seriam, um dia, questionadas por uma boneca de pano falante, cuja visão de linguagem é prática e funcional.

Ainda segundo Bagno

A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma *língua em decomposição, em permanente transformação*. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas. É uma roseira que, quanto mais agente vai podando, flores mais bonitas vai dando...¹²

Monteiro Lobato em suas obras principalmente no livro *Emília no País da Gramática*, não se prende ao convencional no que se refere à língua, pois ele explora suas potencialidades (do uso da língua), brinca com a palavra, subvertendo a ordem estabelecida e a regra, ou seja, Lobato coloca a língua a seu serviço e explora todas as possibilidades que ela lhe oferece.

Muitos estudiosos de Lobato já afirmaram que ele escreveu a viagem da turma do Sítio do Picapau Amarelo ao País da Gramática por “vingança” de ter sido reprovado aos quatorze anos de idade na prova de Português e realmente em suas cartas ficam evidente esta questão. Não é a toa que o livro se inicia com Pedrinho, porta-voz de Lobato, relutando em ter aulas de Português com a avó nas férias, pois este acha que o ensino escolar é uma “caceteação”, pois os professores fazem os alunos decorar uma porção de definições e assim ninguém entende nada e ainda acha que os professores deviam usar as estratégias como a sua avó, pois tornaria o ensino de gramática uma coisa interessante.

¹²1999, p.117.

“— Ah, assim, sim! – dizia ele. — Se meu professor ensinasse como à senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios’..¹³.” Na verdade o que Lobato pretende mostrar é que somos guiados na fala e no ensino da língua pelo preconceito dos que insistem em não reconhecer nosso direito à autonomia lingüística

- Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já..¹⁴.

Marcos Bagno reconhecendo nosso direito à autonomia lingüística, afirma que:

Ter o que dizer é mobilizar todo o conhecimento de mundo, articular esse conhecimento de mundo com as próprias crenças pessoais, os próprios conceitos e preconceitos, herdados ou adquiridos, e elaborar, ainda que de modo rudimentar, uma tese, isto é, traduzindo do grego, uma ‘posição’, ou no mínimo uma hipótese, isto é, uma ‘suposição’. [...] Querer dizer o que se tem a dizer é desejar expressar-se, é reconhecer-se digno do dom da palavra, do direito à palavra, é acreditar que o que eu tenho a dizer pode modificar o mundo, as pessoas neste mundo, mudar a marcha da vida, alterar o curso da história.¹⁵

É na voz da personagem Emília, que com sua curiosidade em investigar a realidade e sua presteza em dizer por si mesma as verdades que formulou, é quem apresenta as variedades lingüísticas passando-nos a visão de contestador e crítico das normas gramaticais de Lobato, pois este se preocupa com a obsessão dos gramáticos em nomear e classificar tudo e pratica “a maioria dos experimentos lingüísticos” proposto pelo autor que preza a liberdade de criação e luta contra o poder instituído na/da língua.

¹³ LOBATO, 1998, p. 7.

¹⁴ Lobato, 2005, p.53.

¹⁵ 2000, p.307.

— Sei disso – declarou Emília. — As palavras quando querem significar uma coisa grande, latem; e quando querem significar uma coisa pequena, choramingam.

Ninguém entendeu.

— Sim. - insistiu ela. — Botar um ão ao fim duma palavra é latir, porque latido de cachorro é assim — ão, ão, ão! E botar um Inho, ou um Zinho no fim das palavras é choramingar como criança nova. Panela, por exemplo; se late, vira Panelão e se choraminga, vira Panelinha...¹⁶

3.3 – Os Despautérios Gramaticais de Emília: Transgressões ou Experimentos Linguísticos.

No livro “Emília no País da Gramática”, Lobato apresenta a língua como um país rodeado de vogais, consoantes, ditongos, hiatos, verbos e uma população nomeada com as regras gramaticais. O autor dá vida às regras como em fábulas, tornando a língua portuguesa de fato, um país atraente para passear. Este livro possui 27 (vinte e sete) capítulos que tratam dos vários níveis da língua portuguesa: o fonológico, o morfológico e o sintático, não deixando de abordar a história interna e externa da língua, a semântica e a estilística.

Os personagens do Sítio do Picapau Amarelo vão para lá montados no rinoceronte Quindim, um paquiderme gramático, que mostra e explica todo o país aos visitantes. Este não é mero condutor das crianças ao país da Gramática, ele vai, através de suas explicações, facilitar o conhecimento sobre as regras da língua.

Emília é a própria ousadia. É a coragem de romper com o estabelecido, de revirar verdades escondidas, de fazer propostas, de fazer mudanças. Tanto nesse livro como nos outros, oportunizam-se a percepção de que por meio da boneca falante, o escritor torna leitores em investigadores da realidade vigente, questionadores das regras impostas. O objeto de mudança é a palavra, é a língua.

¹⁶ Lobato, 2005, p. 19.

No livro com a ajuda de Quindim, Emília propõe uma reforma ortográfica, mas principalmente propõe de modo lúdico, o ensino da gramática. No Acampamento dos Verbos, oitavo capítulo do livro, Emília afirma que os verbos são os camaleões da língua porque assumem sessenta e oito formas diferentes:

— Verbo é uma palavra que muda muito de forma e serve para indicar o que os Substantivos *fazem*. A maior parte dos Verbos assume *sessenta e oito* formas diferentes.

— Nesse caso são os camaleões da língua – observou Emília. — Dona Benta diz que o camaleão está sempre mudando de cor. Sessenta e oito formas diferentes! Isso até chega a ser desaforo. Os Nomes e Adjetivos só mudam seis vezes – para fazer o Gênero, o Número e o Grau.

— Pois os senhores Verbos até cansam a gente de tanto mudar – disse o rinoceronte. — São palavras políticas, que se ajustam a todas as situações da vida. Moram aqui em quatro grandes acompanhamentos, ou campos de **Conjugação**¹⁷.

Nessa passagem como em outras percebe-se que Emília transita com desenvoltura e naturalidade entre o estabelecido e o diferente, faz comparações, informa e inova. Sua fala é regida pelo bom senso, pela ousadia. Transgride sem, no entanto, corromper, aprende e ensina, provoca e manipula as palavras.

A personagem Emília resume o que Lobato gostaria de repassar para a humanidade enquanto escritor. É por meio dessa personagem que se ouvem os seus protestos. Com Emília, Monteiro Lobato grita independência ou morte, mostrando um pouco de si, isto é, determinado e teimoso. Nesse livro é na voz de Emília que Lobato apresenta as variedades lingüísticas e passa-nos a sua visão de contestador e crítico das normas gramaticais, pois este se preocupa com a obsessão dos gramáticos em nomear e classificar tudo. Por esse e outros motivos ele faz críticas em todos os âmbitos desde a fonologia até a semântica, expressando seu patriotismo e amor por sua língua lutando para que ela seja limpa, nacional e clara, ou seja, não a quer acadêmica, quer valorizá-la, libertá-la das gramatiquices, expressiva, atual e livre.

¹⁷ Lobato, 2005, p. 25.

— Parece simples, mas não é. Os gramáticos mexem e remexem com as palavras da língua e estudam o comportamento delas, xingam-nas de nomes rebarbativos, mas não podem alterá-las. Quem altera as palavras, e as faz e desfaz, e esquece umas e inventa novas, é o dono da língua – o Povo. Os gramáticos, apesar de toda a sua importância, não passam dos “grilos” da língua¹⁸.

Mais uma vez, Emília de posse de uma compreensão particular sugere:

“— Nesse caso – insistiu Emília —em vez de xingá-lo de Anômalo, podiam ter posto um letreirinho no pescoço do Verbo: “Ele é *Poer*; se está *Pôr* é porque o E apodreceu e caiu”.¹⁹

A personagem Emília, por meio de seu senso crítico e aguçado, consegue convencer o leitor de que uma das calamidades universais está centrada na língua. Afinal, Emília tem a capacidade encantadora de jogar com as palavras, apropriando – se de recursos tipicamente infantis: simplicidade e sinceridade. Fica evidente, desse modo, que o processo de compreensão de Emília traduz uma permanente abertura para questionar, para brincar com a realidade. Emília está sempre querendo aprender, por isso está em constante procura. O diálogo consigo mesma e com os outros é seu grande companheiro de desempenho, desse modo vive interagindo com seu pensamento, para permitir emergir o esperado e o inesperado. Mesmo quando se surpreende com alguma coisa, logo se recupera e permite que uma luz interior, uma espécie de *flash*, ilumine suas possibilidades de compreensão e de reestruturação do que lhe causou espanto.

Por meio de Emília, Lobato visita uma espécie muito curiosa de palavras: os verbos, e no vocabulário da boneca destacam-se os mais importantes, que são pensar, refletir, compreender, entender, interpretar, filosofar, descobrir, examinar, adaptar, experimentar, perceber, explicar, estudar, inventar e criar.

¹⁸ Lobato, 1998, p. 26.

¹⁹ Lobato, 1998, p. 26.

Para fazermos considerações sobre a vida, precisamos estar livres. Livres para pensar sobre incorreções que se encontram na língua falada ou escrita. E só quem é livre, só quem não se prende às amarras criadas nas chamadas “convenções”, pode questionar as irregularidades, as incompreensões e as questionáveis “verdades” a respeito da língua falada e escrita.²⁰

A personagem Emília consegue deixar claro em toda a obra de Monteiro Lobato a extensão de seu potencial. Não se pode negar que essa personagem é completa, é plena e magnífica, pois se comporta como alguém que “vive a vida” intensamente, é livre e tem plena consciência de tudo o que está desconhecido no mundo dos humanos. Enfim, na construção da personagem Emília, Lobato expõe a possibilidade de empreender uma viagem para aprender, para investigar, para transgredir as palavras, a linguagem e o mundo. Tudo isso nos surpreende, porém surpreendidos ou não temos que concordar que, para que tais observações aconteçam, a liberdade precisa imperar. A liberdade da personagem Emília é o que tem de mais marcante em toda a obra de seu idealizador, Monteiro Lobato.

Considerações Finais

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. A literatura infantil quando trabalhada ou apresentada de forma significativa para a criança diverte – a além de favorecer o desenvolvimento de sua personalidade, a imaginação, os sentimentos e a emoção.

Lobato preocupava-se com os textos oferecidos às crianças em sua época. Pensando nas crianças e jovens, Lobato coloca à disposição uma obra comprometida e repleta de intencionalidade no sentido de formação do leitor.

²⁰ Lobato, 2005, p 47.

O livro “**Emília no País da Gramática**”, que foi publicado em 1934, é uma obra atual e contemporânea das ponderações acerca da relação linguagem/mundo, onde Lobato aborda a problemática do ensino de língua materna principalmente a crianças e jovens que convivem no cotidiano com os conceitos gramaticais propostos, ou na maioria das vezes, impostos na escola sem nenhuma contextualização ou mediação na construção dos conceitos.

Conclui-se que o escritor Monteiro Lobato encarava as crianças como seres dotados de inteligência e capazes de construir significados a partir de um estímulo, sendo que esse estímulo pode ser traduzido pela leitura, ou seja, ter acesso a uma boa literatura oportuniza a informação cultural que alimenta a imaginação. A boneca falante, no livro “*Emília no País da Gramática*” provoca a imaginação das crianças despertando a curiosidade com suas descobertas e reflexões sobre a gramática. Assim, a personagem instiga a ação do leitor para que as palavras do texto façam sentido e este que com sua ação sobre as palavras dá vida ao que está escrito passa a rever os conceitos já adquiridos e internalizados da gramática, passando a corrigir e a rever tudo o que acha errado. Emília brinca com a língua de uma forma transgressora em que seu poder de manipulação chega a ser tão grande, sendo que esta caminha junto com os outros integrantes do Sítio de um canto para outro no País da Gramática, brincando, mexendo e remexendo nas regras gramaticais.

No dia-a-dia, as crianças tomam contato com diferentes tipos de linguagem. E o interessante é que essas linguagens fundem-se, formando um conjunto de linguagens diferenciadas que fazem parte da sociedade contemporânea e que, muitas vezes, estão de tal modo automatizadas, que se tornam imperceptíveis dialogam, enfim, estão em constante movimento, fazendo com que as crianças ressignifiquem a realidade que as cerca, através do contato que estabelecem com essa realidade por meio da linguagem.

Como sabemos, a personagem Emília constitui o protesto contínuo e a rebeldia criadora do próprio Lobato, que sofria com as injustiças sociais, que queria contribuir para a ascensão

social do nosso país. A boneca representa o verdadeiro Monteiro Lobato. Com essa personagem, Lobato mantém-se imortal, incomodando ainda muita gente, pois Lobato ou Emília diz tudo o que pensa, agrade ou não.

Ainda no livro *Emília no País da Linguagem*, a boneca com a sua linguagem, com a sua irreverência, propõe essa reflexão, pois se utiliza da linguagem para falar da própria linguagem, para contestar o que está estabelecido, para dar opiniões e, principalmente, para impor as suas idéias acerca da língua. Emília provoca a imaginação das crianças, desperta a curiosidade com suas descobertas e reflexões sobre a gramática, é assim, que Monteiro Lobato consegue neste livro, contribuir para o aprendizado e o despertar da imaginação infantil de forma singela e inteligente, podendo sim, tornar digno de uma leitura fundamental nas salas de aula.

Concluimos que Emília não é apenas um ser que vive e vive livre. Ela é imprevisível e irreverente, comporta-se o tempo todo como gente que vive a vida com amor e intensidade, gente que faz críticas e questiona verdades estabelecidas, sempre propondo novos pontos de vista, ou seja, fica evidente, desse modo, que o processo de compreensão de Emília traduz uma permanente abertura para questionar, para brincar com a realidade.

Emília está sempre querendo aprender, por isso está em constante procura. A boneca interage constantemente com seu pensamento, permitindo assim, que surja o esperado e o inesperado. Mesmo quando se surpreende com alguma coisa, logo se recupera e faz com que suas possibilidades de compreensão e de reestruturação do que lhe causou espanto, ressurgam com novos significados que, muitas vezes, beiram a transgressão da linguagem, provando desse modo que nem sempre o estabelecido é coerente.

Emília é livre e precisa ser compreendida do jeito que é. Emília é independente, sem independência não há Emília. E essa independência faz dela um ser todo especial, um ser que tem sonhos. Emília deixa marcas de sua personalidade em toda a obra infantil de Lobato. Se

Emília não existisse, não haveria motivos para a existência de Visconde, de Pedrinho e de Narizinho. Enfim, sem Emília, o **Sítio do Picapau Amarelo** não seria o sucesso que é. Emília é o resumo original de toda a literatura de Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

ALBIERI, Thaís de Mattos. Lobato: **A cultura gramatical em “Emília no País da Gramática”**. Sínteses. Campinas, v. 11, 2006.

ANTUNES, Irandé Costa. **Língua, ensino e cidadania**. FAEEBA. Salvador, n. 1, jan/jun de 1992.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968. 284 p.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Preconceito Linguístico**: O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999. 186p.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação (Tradução de Marcus Vinícius Mazzari). São Paulo: Summus, 1984. v. 17. 117 p.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Dois leituras da infância segundo Monteiro Lobato**. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memorial/ensaios/cilza.html>. Acesso em: 14 fev.2009.

_____. **Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato**: convergência e divergências. Campinas, 1999. 166 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CARDOSO, Maria Angélica. **Conteúdos escolares nos escritos de Monteiro Lobato**: Contra a aduana da cultura escolar. Disponível em:

<http://www.cdr.unc.br/PG/layoutNovo/edicoes/numeroquinze/MonteiroLobatoArt2.pdf>.

Acesso em: 28 mar. 2009.

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato, vida e obra**. São Paulo: Nacional, 1955.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000. 287 p.

_____. **Literatura e Linguagem**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 371 p.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. 285 p.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: Teoria & Prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999. 176 p. (Série Educação).

DEBUS, Eliane Santana Dias. **O leitor, esse conhecido. Monteiro Lobato e a formação de leitores**. Rio Grande do Sul, 2001. 257 p.

FERNANDES, Hellen Francis; NEGRÃO, Sônia Maria Vieira. O pioneirismo de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira. In: XIII Semana de Pedagogia, 2007, Maringá. **IV jornada de prática de ensino**. Maringá: 2007.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.); LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). **Lendo e escrevendo Lobato**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001. 134 p.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. 96 p. (Série Principios).

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato**: Intelectual, Empresário, Editor. São Paulo: Quatro, 1982. 212p.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000. 99 p.

LOBATO, Jose Bento Monteiro. **Monteiro Lobato**: furacão na botocúndia. São Paulo: SENAC, 1997. 392 p.

_____. **“Emília no País da Gramática”**. São Paulo: Brasiliense, 2005. (16ª reimpressão da 39ª edição de 1994).

_____. **Historias do mundo para crianças**. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 178 p.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARTINS, Georgina. A infância como uma invenção do livro. **Casepel**. Rio de Janeiro, v. 3. n. 3, 2007.

MERZ, Hilda Junqueira Villela; BRANDÃO, Ana Lúcia de Oliveira; MANZANO, Sylvia. **Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 64 p.

MICHELLI, Regina. **A literatura infanto-juvenil nas tramas do tempo. Casepel.** Rio de Janeiro, v. 3. n. 3, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky, **aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Emília e as leitoras: Ficção, transgressão, travessura. Casepel.** Rio de Janeiro, v. 3. n. 3, 2007.

RUFINO, C; GOMES, W. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola.** São José dos Campos: Univap. 1997.

SILVA, Rita Lopes da. **A criança com problemas de linguagem.** Disponível em http://neuropediatria.online.pt/atraso_linguagem.pdf. Acesso em: 22 fev. 2009.

TASSI, Adelaide da Rosa. **A importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.** Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~neitzel/literinfantil/Adelaide.htm>. Acesso em: 13 mai 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola.** 10. ed. São Paulo: Global, 1998. 118

ZILBERMANN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMANN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2003. 190 p. (Série Fundamentos).